

ESPAÇO, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO EM GEOGRAFIA: O DOSSIÊ E SUAS MULTIPLAS ABORDAGENS

Amelia Cristina Alves Bezerra¹
Lorena Lopes Pereira Bonomo²
Otoniel Fernandes da Silva Júnior³

Em princípio, um Dossiê caracteriza-se pela reunião de um conjunto de reflexões que aborda e potencializa um determinado tema, seus diferentes caminhos de abordagens e metodologias. Mas um Dossiê é também a confluência de várias trajetórias de pesquisas que deságuam e encontram outras, sendo, portanto, um espaço de encontro de diferentes sujeitos e seus percursos investigativos.

Espaço, experiência e formação em Geografia é o nome que atribuímos para esse encontro cujo horizonte é refletir sobre a relação entre essas três dimensões conceituais e temáticas que têm se afirmado, cada vez mais, enquanto categorias de análise para pensar as questões que circundam a interface Geografia e Educação, especialmente na contemporaneidade, em que a técnica e o excesso de informação têm empobrecido a experiência (Benjamim, 1987; Larrosa, 2002)⁴.

¹ Professora Associada da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC- Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco -UFPE - e Doutorado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Pós-Doutorado em Educação UFF. ameliacristina@id.uff.br.

² Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ) e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede (PROFGEO). Possui Licenciatura em Geografia pela UERJ, Mestrado e Doutorado em Educação pela UFF. lorenbonomo@hotmail.com.

³ Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Licenciatura e Mestrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), otonielfernandes@uern.br

⁴ BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987. 253 p. LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19. [Online]. 2002, ISSN 1413-2478.



Essa afirmação do espaço como categoria para interpretar os processos sociais já havia sido apontada por Soja (2013)⁵, afinal, como nos lembra Porto-Gonçalves (2004)⁶, não existe sociedade a-geográfica, assim como não existe espaço geográfico a-histórico. Porto-Gonçalves aponta ainda que a constituição do espaço se dá pela relação que os diferentes sujeitos estabelecem entre si e sua materialidade⁷. Além disso, e como ensina Massey (2008, p. 28)⁸, o espaço, inacabado, em construção, coloca-se “como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade”. Diante desse quadro, os pares espaço/experiência e experiência/formação têm se fortalecido, sobretudo, no cotidiano das pesquisas e práticas daqueles(as) que estão mergulhados(as) na relação Universidade-Escola.

O convite para pensar a tríade espaço, experiência e formação foi aceito por gentes dos diferentes lugares do país. Foram diversos os temas e os caminhos de pesquisas que chegaram, compondo doze artigos e revelando a potência desses temas/conceitos para pensar os processos formativos. Iniciaremos a apresentação desses percursos pelo estágio supervisionado, tema caro à formação dos(as) professores(as) de Geografia, e seguiremos com as abordagens que nos conduzem a pensar a relação da corporeidade com os processos formativos e, nessa direção, a apreensão do espaço, por meio da paisagem, pelos sujeitos cegos. Adiante, teremos reflexões que contemplam o ensino de Geografia, suas representações, experiências, mas também suas ausências nos currículos prescritos. No Dossiê também se faz presente um olhar para os atravessamentos entre espaço, formação e experiência a partir da cartografia tecida em contextos escolares. Por fim, e não menos importante, temos um caminho investigativo que privilegia a relação entre cidadania e consciência espacial e outro que nos convida a olhar para a dimensão histórica da centralidade espacial da educação escolar a partir do Rio de Janeiro.

“Ensaiai a restituição da experiência na formação docente pelo espaço escolar nas confluências do estágio supervisionado em Geografia”, de Lorena Bonomo, inaugura esse

⁵ SOJA, E. **Geografias pós-modernas**: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

⁶ PORTO-GONÇALVES, C W. A geograficidade do social: uma contribuição para o debate metodológico para os estudos de conflitos e movimentos sociais na América Latina. In: **SEOANE, J. Movimientos sociales y conflicto em América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2004, p.1-11.

⁷ Essa elaboração reflexiva textual já havia sido elaborada por BEZERRA, A. C. A. Rev. tecendo caminhos e afirmando sentidos entre cidadania, espaço e geografia escola. In: **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), ano 12, n. 2, p.22-31, jul/dez. 2016;

⁸ MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 314p.

encontro. Neste, o espaço escolar assume uma centralidade e é considerado um dos caminhos de restituição da experiência na formação docente, desde uma aposta na confluência Universidade-escola. No seu percurso reflexivo no artigo, a autora se ancora nas elaborações de Benjamin (1996), Agamben (2005) e Larrosa (2002; 2017) e aciona o lugar-escola como horizonte e possibilitador de experiências formativas docentes, dialogando, para tanto, com Massey (2012), Azanha (2011) e Carlos (1996). A narrativa é a vereda escolhida para a construção da caminhada, na medida em que esta suspende a mera descrição, informação ou opinião, posicionando trajetórias formativas de professoras(es), entre a programação e a irrupção, entre a alienação e a insurgência, tecendo sentidos de práxis coletiva para uma dimensão pública da educação em Geografia.

A seguir, temos o artigo “Experiência e Estágio em Geografia: linguagens, lugares e escuta”, de Juliana Dias e Tássia Rocha, que discorrem sobre as implicações e os afetos que atravessam o estágio e que tem a escuta permeada pela experiência enquanto instrumento metodológico. As autoras tomam as elaborações teóricas de Sigmund Freud (2010; 2014), Jacques Lacan (1998; 2009) e Jorge Larrosa (2002; 2019) como base para ler e fazer Geografia na formação de professores, mobilizando múltiplas linguagens, narrando efeitos da oficina [Cartas para meu lugar] e escavando elementos significativos presentes nos relatórios de estágio. Nesse sentido, sustentam e problematizam, no horizonte da pesquisa, as questões: “Como foi ou como tem sido sua experiência de Estágio em Geografia? Você se implica em seu Estágio? Qual sua relação com o espaço escolar? Como a escola te afeta? Como você se faz presente na escola?”, tecendo fios que permeiam experiências espaciais vividas por estagiários.

O estágio também é mote de pesquisa no artigo “A relação escola *versus* trabalho de jovens durante o ensino médio noturno”, de Janaina Trevisan, Tayane de Oliveira e Gerson Naibo. Nessa perspectiva, as lentes são projetadas para compreender, por meio do estágio, o significado que os/as estudantes-trabalhadores atribuem à escola. A metodologia, pautada nas observações e aplicação de questionário com os(as) estudantes, foi guiada pelo paradigma indiciário, proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989). Os resultados são orientados para pensar sobre o território da escola e o mundo do trabalho na vida dos(as) jovens, sobretudo, diante do avanço do neoliberalismo e a precarização das condições de ensino-aprendizagem e dedicação aos estudos dos(as) estudantes-trabalhadores(as).

Por meio de uma abordagem também orientada pelo estágio, o artigo “O corpo ao deformar as formas: provocações sobre a formação docente e o ensino de Geografia”, de Victor Sousa, nos conduz a pensar sobre a corporeidade nos processos formativos. O anúncio do



objetivo do texto é provocador ao se propor a *complicar* a relação entre a materialidade do corpo, o ensino e a formação em Geografia, adotando, como percurso metodológico, a potência da experiência entrelaçada por vivências e memórias, mobilizadas por meio de trechos de relatos em campos de orientação de estágios. Oliveira e Arruzzo (2023), Raniery (2017) e Derrida (1991, 1994) são alguns dos referenciais teóricos acionados para que, por meio da materialidade do corpo e do trabalho com a diferença, sugira pensar o que denomina por *deformação* dos processos formativos que constituímos e que nos constituem, seja como docentes ou estudantes de Geografia.

Pensar a forma como experimentamos o espaço e, especialmente, como o sentimos e o apreendemos, por meio da paisagem, é o foco do artigo “Apreensões da paisagem pelos(as) educandos(as) cegos(as) em tempos de precarização das experiências espaciais”, de Bruno Mesquita, Amelia Cristina Bezerra e Jorge Barbosa. Essa reflexão nos conduz a olhar para as experiências espaciais pela leitura da paisagem dos estudantes cegos ou com baixa, especialmente, ao longo da pandemia provocada pelo vírus SARS-COV-2 (Covid-19) que reduziu, ou mesmo suspendeu, os encontros presenciais. Para tanto, os(a) autores(a) nos convidam a um diálogo sobre a paisagem com ênfase na paisagem sonora, recobrando, especialmente, Schafer (1997) e os autores identificados com a Geografia Humanista. Para pensar a experiência, Larrosa Bondía (2002) e Tuan (2013) são convidados para a conversa, assim como as entrevistas abertas realizadas com educandos(as) do Instituto Benjamin Constant.

Partindo da crítica aos contextos de aceleração contemporâneos, que limitam os espaço-tempos de contemplação da vida, porém, apostando no aprendizado a partir da experiência pela geopoética - desenvolvida por Kenneth White (1994) -, Danieli de Araujo e Jeani Paschoal Moura nos convidam a explorar e refletir, a partir desse estabelecimento de reconexão sensível com os lugares, um caminho para inaugurar e resgatar o valor da experiência na formação do pensamento geográfico, como uma *Geografia em ato*. Compartilhando da abordagem humanista da Geografia, representada nos referenciais teóricos de Bachelard (1993), Dardel (2011) e Larrosa (2018; 2019), o artigo “Geopoética e experiência: o ensinar e o aprender pela (re)conexão sensível com a terra” compõe uma pesquisa de natureza qualitativa fundamentada na análise bibliográfica. É um convite para refletir sobre as experiências sensíveis, preparando estudantes para compreender e se relacionar de forma mais responsiva com o mundo.

O par espaço e experiência também foi chamado para pensar o ensino da Geografia. É o caso do artigo “Espaço urbano, experiência e representações: contribuições à prática pedagógica no ensino de geografia”, de Rizia Mendes Mares, que, por meio de proposta

ensaísta, aponta para o uso de metodologias capazes de não apenas compreender a experiência urbana, mas tornar cognoscíveis os significados que a integram, de modo a possibilitar uma ação formativa e reflexiva sobre essa experiência no ambiente escolar. Para tanto, orienta-se do ponto de vista teórico-metodológico, na obra "La producción del espacio", de Henri Lefebvre (2013), especificamente, nas três categorias-chaves ou processos de produção espacial: a prática espacial, as representações do espaço e os espaços de representação, como dimensões. Enquanto metodologia, a autora adota um Conjunto de Instrumentos Metodológicos Representacionais (CIMR) que se reveste de uma ferramenta e instrumentalização para leitura do espaço geográfico, com vistas à contribuição ao ensino de Geografia, suas concepções e práticas.

Na esteira de pensar o ensino de Geografia, Lucas Pinto e Maria José Fernandes nos convidam a pensar "A Geografia potiguar invisibilizada nas aulas do Ensino Médio". Os autores partem da defesa da importância do lugar para a formação crítica e cidadã, dimensão fundamental num mundo cada vez mais globalizado. Com pesquisa situada na Geografia do Rio Grande do Norte para o aprendizado de estudantes do Ensino Médio, sustentam o horizonte de que possam desenvolver suas potencialidades de reflexão quanto aos fenômenos geográficos cotidianos em múltiplas escalas. O referencial teórico é composto por Tuan (1977), Carlos (1996), Santos (1996), Souza (2017), Barbosa (2013) e Carvalho (2007), entre outros. A empiria realizou-se por meio da aplicação de um questionário para discentes do terceiro ano do ensino médio, com questões a respeito das experiências de estudo no ambiente escolar e compreensões sobre o espaço potiguar vivido. Após a apresentação dos dados, e entre eles a constatação da retirada das disciplinas Cultura do RN e Economia do RN, são defendidas a relevância e a necessidade de maior inserção curricular da Geografia do Rio Grande do Norte nessa etapa da escolaridade.

Um olhar para os atravessamentos entre espaço, formação e experiência a partir da cartografia tecida em contextos escolares foi lançado por outros dois textos que compõem o Dossiê. "Entre saberes instituintes e experiências em cartografia na sala de aula", de Cassio Pereira, Francisco Nascimento, Maria Ramoniele Gonçalo, Thais Saraiva e Clesley do Nascimento, é um deles. Esse artigo é um desdobramento das vivências espaciais dos(as) estudantes dialogadas com os conhecimentos escolares, realizadas no âmbito do Programa Residência Pedagógica, em Geografia, oferecido pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Com metodologia pautada em levantamento bibliográfico, estudo em campo e análise dos dados, a busca de possibilidades para o trabalho numa escola pública com cartografia, numa perspectiva social e cultural, e um olhar crítico para o mapa, concebido como vivencial, é



central na argumentação. Seemann (2013), Costa e Lopes (2023), Vigotski (2018) e Fonseca (2007), entre outros, compõem o referencial teórico que sustenta as narrativas e as reflexões quanto às ações pedagógicas com conteúdo de cartografia e suas linguagens, dotando de criatividade e imaginação saberes instituintes na formação docente em Geografia e seu ofício.

“Apropriação das geotecnologias do Ensino Fundamental II: experiências didático-pedagógicas na formação inicial à docência em Geografia”, de Iomara Sousa, reflete aspectos formativos nas experiências de onze licenciandos em Geografia da Universidade Federal Fluminense. As reflexões são tecidas no contexto do curso Geotecnologias e formato digital e analógico aplicadas à Cartografia escolar (GEODACE)) a partir de oficinas pedagógicas, privilegiando o protagonismo, a autoria docente e a concepção do(a) estudante como sujeito ativo na produção do conhecimento. O artigo refere-se a uma pesquisa-ação com elaboração de atividade cartográfica situada em Angra dos Reis, seguida de relatos de experiência sobre a produção de mapas ou bases para maquetes, como mobilizadores do agir geográfico. Oliveira (1983), Souza e Katuta (2001) e Duarte (2017), entre outros, são referências bibliográficas que compõem a perspectiva defendida, que, entrelaçada aos resultados expostos, conclui a potencialidade da linguagem cartográfica como modo de expressão e comunicação do espaço geográfico a partir da apropriação de tecnologias de mapeamento de espaços vividos, em busca de uma cidadania consciente de seu lugar no mundo.

A perspectiva da cidadania pelas lentes do espaço é privilegiada no artigo “Por uma consciência espacial cidadã: jovens, redes sociais e o caminho da participação ativa a partir da escola”, de Otoniel Fernandes da Silva Júnior e Flávia Spinelli Braga, os quais consideram o contexto da cidadania territorial entre jovens urbanos de Mossoró-RN para analisar as dinâmicas de participação política. Articulando território e cidadania com o referencial teórico de Braga (2021) e Dagnino (1994), o artigo apresenta problemáticas desses tensionamentos com a difusão das mídias sociais com as elaborações de Chomsky (2013). Assumindo uma pesquisa quali-quantitativa, a metodologia adotada para analisar as relações entre a participação das juventudes nas lutas por direitos sociais na escala local e o papel das redes sociais pautou-se na aplicação de questionário e constituição de um grupo focal, composto por estudantes de entre 15 e 17 anos, do Ensino Médio de Escolas Estaduais de Mossoró, depois categorizadas por temas emergentes, conforme Bardin (2011). Os resultados apontam para um descompasso entre a compreensão teórica de direitos sociais e a ação prática, agravada pela fragilidade de mobilizações no mundo digital, indicando o horizonte de repensar práticas formativas de participação cidadã na escola e em múltiplos espaços.



Propondo o debate da Geografia histórica da Educação, Giam Miceli desenvolve o artigo intitulado “A centralidade espacial da educação escolar na década de 1930: o colégio Pedro II e o centro do Rio de Janeiro”. Desde a multiescalaridade, articula os fenômenos da Exposição de Arquitetura Escolar e do movimento da Cruzada Nacional de Educação em um debate geográfico, evidenciando a arquitetura escolar num primeiro plano e a espacialização das escolas voltadas à alfabetização no território nacional, no segundo. O referencial teórico está pautado nas contribuições de Santos (2008), Gomes (2013), Miceli (2015) e Souza (2006) e a metodologia adotada é a análise do Jornal “A noite” e do Livro de Termos do Colégio Pedro II. A análise dos materiais evidenciou a educação escolar como atividade central num contexto de industrialização e difusão do nacionalismo, defendendo a importância de produzir compreensões entre espaço geográfico e instituições de ensino.

Cartografamos, neste nosso convite, inicialmente, possíveis abordagens sobre estágio e experiência; espaços escolares e seus entornos; espaços escolares e experiências inclusivas; escola e suas territorialidades; tecnologias e seus desafios nas experiências formativas; diferentes contextos de políticas educacionais e suas expressões espaciais, bem como caminhos potentes para abordar a tríade espaço-experiência-formação. Mas, ao longo do processo, fomos encontrando perspectivas outras, não previstas, diversas, que, felizmente, alargaram nossos horizontes. Que esse Dossiê contemple, fortaleça e inspire ainda mais reflexões, pesquisas e produções que ressignifiquem cotidianamente a Educação em Geografia e, mais especificamente, a Geografia da Educação. Boa leitura!